

RACISMO E RESISTÊNCIA: O POVO NEGRO NO PALCO PSICODRAMÁTICO

Daniel Russell Oliveira ¹
Andreia Maria Thurler Fontoura ²

RESUMO

Por conta de um processo histórico racista, de escravismo e dominação dos corpos, o negro ainda hoje é visto de forma equivocada pela sociedade como um sujeito inferior. O desafio é como construir uma consciência crítica e positiva e enxergar as possibilidades de práticas psicodramáticas na reexistência do povo negro, entendendo o seu lugar na sociedade atual como construção histórica e assim passível de reinvenção e recriação de sua identidade étnico-racial. Assim, o presente trabalho visa investigar os efeitos possíveis produzidos por uma vivência psicodramática na reconstrução da identidade étnico-racial, no processo de autoconhecimento, aceitação e valorização da negritude, através de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas não-estruturadas com estudantes negros do curso de Psicologia de uma universidade particular do estado do Rio de Janeiro, que cursaram a disciplina Teoria do Psicodrama. Os dados obtidos nas entrevistas passaram por uma análise temática, buscando pesquisar como o Psicodrama contribui para o processo de aceitação do sujeito negro, facilitando o desenvolvimento da percepção sobre si.

Palavras-chave: Psicodrama; Etnodrama; Racismo; Identidade Étnico-racial.

Recebido em: 02/07/2023
Aprovado em: 05/07/2023
Publicado em: 08/07/2023



- 1 Graduado em psicologia, Universidade Santa Úrsula (USU), danielrussell.dr@gmail.com.
- 2 Mestre em Saúde da Criança e da Mulher, Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), andthurler@hotmail.com

p.115

INTRODUÇÃO

No Brasil, a escravização ocorreu entre os séculos XVI e XIX com a chegada dos africanos traficados pelos portugueses para serem escravizados nos engenhos de cana-de-açúcar. O sistema escravocrata foi marcado, sobretudo, pela exploração da mão de obra da população preta trazida à força da África. Os negros eram trazidos através de viagens marítimas que eram desconfortáveis, insalubres e perigosas. Os escravizados que sobreviviam eram expostos ao mau cheiro a bordo e a acomodações precárias. Quando chegavam no Brasil, eram separados do seu grupo de origem e misturados com outros grupos de diversas tribos para que não houvesse comunicação entre eles. (BARBOSA, 2017).

No período da escravização, a classe social dominante era branca, apesar da maior população ser negra. Tentavam justificar as condições precárias que os negros vivenciavam através de ideologias religiosas e racistas, trazendo uma afirmação de superioridade da branquitude e os seus privilégios diante de uma sociedade racista. Diante de um sistema escravocrata, os negros eram vistos como propriedades da branquitude, onde podiam ser vendidos, alugados ou leiloados como mercadorias por seus "senhores" em caso de necessidade. Ou seja, a branquitude tinha os corpos pretos como objetos de troca, poder e prestígio (BARBOSA, 2017).

Foram cerca de 300 anos de escravização e dominação sobre os corpos pretos, porém eles não aguentaram calados as situações que eram submetidos, pois demonstravam resistência e mesmo de forma clandestina possuíam grupos de fuga conhecidos popularmente como quilombos, também participavam de guerrilhas contra povoados e viajantes para rebelar-se contra o sistema escravocrata.

O Movimento Liberal Abolicionista passa a ganhar forças no final do século XIX, propagando a ideia do fim da escravização e do comércio dos escravizados. Como resultado de anos da luta contra o sistema escravocrata, em 1888, através da Lei Áurea, a escravização foi abolida e os negros que eram mantidos como escravizados puderam ser livres, porém a lei não proporcionou nenhuma estrutura de segurança econômica ou assistência aos milhares de escravizados que foram libertos. (BARBOSA, 2017).



Por conta de todo o histórico racista, de escravismo e dominação dos corpos, a população preta ainda hoje é vista de forma equivocada pela sociedade como um sujeito inferior, sem capacidade intelectual e que só serve para desenvolver o trabalho braçal. Em uma pesquisa realizada, em 2014, pela Organização das Nações Unidas (ONU), foi constatado que "o Brasil não pode ser chamado de democracia racial, mas é caracterizado por um racismo institucional", estando entre os dez países mais desiguais do mundo, onde metade da população é preta, mas mesmo assim o negro possui chances cinco vezes menores do que um branco para conseguir conquistar determinado espaço.

De acordo com Ribeiro (2019), a culpa do negro não conseguir conquistar determinados espaços não é responsabilidade do sujeito, mas sim de uma estrutura racista que ao longo dos anos foi sendo construída. Essa estrutura faz parte de um sistema opressor que nega aos grupos étnicos oportunidades por conta do tom de pele.

Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir as possibilidades de práticas psicodramáticas na reexistência da população preta, entendendo o seu lugar na sociedade atual como construção histórica e assim passível de reinvenção e recriação de sua identidade étnico-racial.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

De acordo com o dicionário digital Michaelis (2020), o termo identidade é definido como uma "série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las." Portanto, a identidade é um termo utilizado para diferenciar algo ou alguém de acordo com suas características pessoais. O processo da construção da identidade do sujeito está caracterizado nas expressões dos grupos sociais e étnicos, porém são construídos com base nas características pessoais de cada indivíduo, estabelecendo a forma de ver e de ser no mundo.

A identidade refere-se a um contínuo sentimento de individualidade que se estabelece valendo-se de dados biológicos e sociais. O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim a identidade resulta da percepção que



temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos veem. (ERIKSON, 1976).

O processo de construção da identidade é dinâmico e pode ser modificado ao longo do processo de desenvolvimento do sujeito. Para Nyamien (1999), existem dois tipos de identidade: a individual e a social. Na identidade individual, o sujeito experimenta algo exclusivo e que pode ser moldado, dependendo da forma em que enxerga a si mesmo e o mundo. Já a identidade social, que é construída juntamente com a identidade pessoal, está relacionada com a forma que o sujeito se insere no mundo e como percebe o jeito que é visto pela sociedade. Portanto, podemos dizer então que não temos uma separação, mas uma articulação desses dois campos, sendo a identidade algo forjado no social e nas relações estabelecidas pelo sujeito.

Diante de uma sociedade racista, onde o modelo de perfeição é a branquitude, a população negra é ensinada desde criança a introjetar a branquitude como modelo de vida e é nesse período da infância onde a matriz de identidade está sendo desenvolvida, onde os valores da branquitude são introjetados no corpo negro. Ensinar a criança que o cabelo crespo é "duro" e assim tem que alisar, é um exemplo disso. O negro é visto como um ser indolente e muitas vezes tem sua imagem relacionada à criminalidade. Essa é uma visão estereotipada que a sociedade tem da população negra.

De acordo com Moreno (1975), a matriz de identidade "é a placenta social da criança, o locus em que ela mergulha suas raízes." Ou seja, no desenvolvimento do sujeito, a matriz de identidade está conectada aos fatores fisiológicos, psicológicos e socioculturais que são refletidos no meio cultural onde o sujeito está inserido, pois é onde ocorre o processo inicial de aprendizagem emocional que é estabelecido através dos vínculos entre o sujeito e as pessoas que são significantes dentro de seu contexto social. A matriz de identidade é caracterizada como a primeira rede relacional que conecta o sujeito com o mundo externo.

Moreno acreditava que a "placenta social" é fundamental no processo de construção da identidade, pois é onde o sujeito consegue assimilar e desenvolver os papéis que serão interpretados na relação com o mundo. A matriz de identidade é composta por três fases e, na última fase, que é a inversão de papéis (reconhecimento do TU), ocorre uma troca de papéis, onde

p.118



o sujeito consegue interpretar o papel do outro perante uma terceira pessoa que, no entanto, desempenha o dele. Nesta fase, além do sujeito interpretar o papel do outro, pode também aceitar que outra pessoa interprete seu próprio papel. Ou seja, para Moreno as redes relacionais onde o sujeito está inserido são influências na formação da identidade e dos papéis exercidos pelo sujeito na sociedade. Portanto, os responsáveis pela educação de um sujeito têm a capacidade de formar pessoas racistas ou pessoas que irão lutar contra o preconceito racial. (MORENO, 1975)

De acordo com Mandela (1913-2013), o sujeito não nasce odiando o outro por conta da cor da sua pele, origem ou religião. O líder acreditava que o preconceito pode ser construído ou desconstruído na formação do sujeito. Portanto, da mesma forma que o sujeito pode aprender a odiar o outro, pode também aprender a amar e respeitar o próximo. Segundo Mandela (1913-2013), "ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião". Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar".

A população negra é alvo do preconceito racial até nas brincadeiras de infância, onde também podemos perceber como as canções de roda e de ninar são carregadas de preconceito: "Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega esta criança que tem medo de careta." Todos têm medo do boi, por quê? Porque sua cara é preta, um boi de cara branca não representaria medo? O boi da cara preta é retratado como feio e malvado.

Não são só as canções de ninar que podem ajudar na construção do preconceito e na discriminação racial, as frases e expressões racistas também podem colaborar. Por exemplo, falar que o cabelo crespo de uma criança é "ruim". Esse estereótipo acompanha o negro da infância até a fase adulta, e perpetua-se nos ambientes que a população negra frequenta, desde a universidade ao ambiente de trabalho. Muitas das expressões racistas são semelhantes ou iguais ao período da escravidão, como "amanhã é dia de branco." Mesmo os escravizados sendo forçados a trabalhar sem nenhum tipo de remuneração, eram vistos como "vagabundos" e isso ainda é reproduzido nos dias atuais, onde o negro carrega a fama de que faz "corpo mole", por esse motivo essa expressão se refere ao dia de trabalhar como o dia do branco.



De acordo com a pesquisa realizada em 2015, pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os negros e pardos representam 54% da população, portanto mais de sua metade. Mesmo as pesquisas informando que os negros e pardos representam a maioria da população, ainda podemos perceber o quanto o racismo é presente na sociedade, pois são os que menos ocupam posições de poder e são representados nas estatísticas como aqueles que têm os piores índices de desenvolvimento humano.

A população negra é minoria nas universidades, sejam como docentes ou discentes, são minoria também em cargos de chefia, que são predominantemente ocupados por pessoas brancas. Os índices de analfabetismo entre a população negra são maiores do que nas outras populações, e as mulheres negras são as que mais sofrem violência doméstica e obstétrica (SILVA, NOGUEIRA, 2014).

A depreciação da autoimagem que a população negra vivencia é um problema que ocorre também com aqueles que se autodeclaram pardos, pois muitos possuem os traços que foram herdados de algum familiar, porém não se identificam como "negros" ou afrodescendentes. Nesse sentido, é importante abordarmos sobre o "colorismo" que, ao contrário do racismo, que tem uma predisposição na identificação do indivíduo como pertencente a uma certa população para exercer a discriminação, o colorismo se direciona exclusivamente na cor da pele do indivíduo. Portanto, por mais que o sujeito seja reconhecido como negro ou afrodescendente, o tom da sua pele é o que irá decidir como será o tratamento que a sociedade vai oferecer ao indivíduo (DJOKIC, 2015).

No Brasil, o colorismo se orienta pela tonalidade da pele do sujeito, onde apresenta uma particularidade e aspectos físicos, como, por exemplo, o cabelo crespo, o nariz largo e arredondado, dentre outros aspectos fenotípicos que são associados por nossa cultura como descendência africana e que também são influenciadas no processo de discriminação. O negro afrodescendente com a pele clara, na maioria das vezes, tem uma certa dificuldade de se autodeclarar negro, pois existe uma necessidade de se encaixar em algum espaço e, muitas vezes, esses espaços são dominados pelos padrões de perfeição que são impostos pela branquitude. Na busca por um espaço, por



sobrevivência, por um lugar de fala e aceitação, o negro acaba negando suas raízes para ser aceito pela sociedade.

Na relação branquitude-pessoa negra de pele clara o importante não é convencer-se de que a pessoa seja na verdade branca, mas sim conseguir ignorar seus traços negros a ponto de conseguir imaginá-la branca, a ponto de poder suportar sua presença que, por causa do racismo, é vista como intrusa. (DJOKIC, 2015)

O racismo é algo que vem sendo moldado de acordo com as necessidades da branquitude e que traz como instrumento a dominação sobre os corpos negros. Ou seja, a branquitude leva o sujeito negro a negar sua identidade étnica, negando suas próprias origens, o que acaba produzindo um impacto negativo na subjetividade da população negra. A solidão, o não pertencimento a determinados espaços, a negação da identidade étnica e a depressão são alguns dos impactos na subjetividade que são causados pelo racismo. O racismo produz na população negra um impacto psíquico que promove um sofrimento do não reconhecimento da sua identidade étnico-racial, do não reconhecimento de si mesmo. (SOUZA, 1983)

Atualmente, ainda podemos perceber o quanto essa dominação cultural é algo visível, seja nas vestimentas, no alisamento de cabelos crespos, na religião, nas oportunidades de trabalho e nos espaços que são definidos como um lugar para o negro estar ou não.

A escritora Neusa Santos Souza em seu livro “Tornar-se negro” (1983), tem uma fala que explica bem o processo de branquitude que os negros sofrem ainda hoje: “Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente.”

A escritora mostra em seu livro que o negro deve exercer sua autonomia individual através da afirmação da sua própria identidade com base em um discurso sobre si mesmo, ou seja, em uma sociedade branca, o negro deve vivenciar a experiência de “ser-se” negro. Distinguir as expectativas da sua imagem do branco e valorizar sua identidade étnico-racial.

O processo de autoidentificação que o negro vivencia consigo mesmo faz parte do desenvolvimento da identidade étnico-racial que é realizada por

uma construção social e coletiva. Portanto, o negro se identifica com o seu corpo, seu cabelo e seus traços. É através dessa autoimagem e do sentimento de pertencimento que o negro tem de si que será possível se posicionar perante o racismo. Essa construção se dá a partir da alteridade, a partir da relação com o outro. Assumir a identidade étnico-racial (ser negro) em uma sociedade racista é um ato político que mostra para outros negros que o lugar deles é onde desejam estar. (MORENO, 2011)

O POVO NEGRO NO PALCO PSICODRAMÁTICO

A palavra drama é de origem grega e significa ação, já a palavra psique (psico) significa alma ou espírito, ou seja, o Psicodrama é um método psicoterápico que foca no ato, promovendo uma ação transformadora no sujeito, com o objetivo de trabalhar tanto as relações interpessoais como as convicções particulares e coletivas que sustentam as relações. Segundo Soeiro (1995), o Psicodrama "é uma técnica que trabalha com o psiquismo em ação."

Jacob Levy Moreno, foi um médico psiquiatra e dramaturgo, nascido em 19 de maio de 1892, na Romênia e depois radicado para Viena, lugar onde obteve a formação de psiquiatria e onde começou a trabalhar com os grupos de teatro, dando início a criação de uma teoria. Nos grupos de teatro, os atores e atrizes improvisavam sem a obrigatoriedade de ter que decorar falas. Apesar dos papéis existirem, eles tinham liberdade no decorrer da dramatização. Foi nesse período que Moreno criou o "Teatro da Espontaneidade", se transformando depois no "Teatro Terapêutico." (SOEIRO, 1995)

Através do teatro, Moreno identificou que poderia modificar o comportamento das pessoas. Essa comprovação ocorreu quando conheceu o casal Bárbara e Jorge, a moça que era atriz e sempre representava papéis meigos e dóceis, portanto todos possuíam essa imagem dela, mas em contrapartida, em sua vida conjugal, tratava seu esposo com muita intolerância e agressividade.

Moreno então, decidiu dar papéis onde Bárbara fosse rude e agressiva não só com as pessoas, mas também com seu marido, representando assim o que acontecia em sua vida pessoal. Com o decorrer do tempo, Jorge foi convidado a contracenar com Bárbara, assim a atriz foi percebendo a

semelhança do seu comportamento negativo com o teatro. A relação do casal foi melhorando pouco a pouco, até as discussões e brigas cessarem.

Essa foi a descoberta de Moreno. Verificou que podia modificar o comportamento das pessoas através do teatro. A partir desse fato, Moreno começou a estruturar uma teoria, a criar fundamentos para expor de uma forma mais científica o que ocorreu, ou seja, uma explicação para a mudança de comportamento de Bárbara. (SOEIRO, 1995).

Assim como Moreno, Abdias do Nascimento acreditava que o teatro poderia ser utilizado como instrumento de transformação, por isso criou o "Teatro Experimental do Negro - TEN." Abdias do Nascimento foi um ativista da luta contra a discriminação racial e pela valorização da cultura Afro-Brasileira. Em uma viagem ao Peru, no ano de 1940, Abdias assistiu ao espetáculo "O Imperador Jones", de Eugene O'Neill (1888-1953), onde o papel principal foi representado por um ator branco pintado de preto. Refletindo sobre o espetáculo, Abdias se dispôs a criar um teatro no qual os artistas negros pudessem ser valorizados. (NASCIMENTO, 2004)

O TEN, fundado em 1944, no Estado do Rio de Janeiro, colaborou na luta contra a discriminação racial, no resgate dos valores da cultura africana, possibilitando a população negra ser vista como protagonista no palco da sociedade.

No TEN, foi onde se ouviu falar pela primeira vez sobre o Psicodrama, assim a teoria começou a ganhar forças no Brasil. No final da década de 40, o TEN recebeu a visita do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, onde juntamente com Abdias do Nascimento, engajaram-se na luta antirracista, na pesquisa sobre os impactos que o racismo produz na subjetividade da população negra e no desenvolvimento dos trabalhos com o Psicodrama e Sociodrama com o objetivo de potencializar a negritude dos artistas.

O TEN tinha uma atuação de caráter terapêutico e psicossocial, facilitando o processo de afirmação identitária da população negra, possibilitando o negro se enxergar como o protagonista principal de uma transformação social. Através das dramatizações em suas peças, o TEN investigava os efeitos psicológicos provocados pelo racismo. Ao dar continuidade as atividades culturais, cênicas e aos trabalhos terapêuticos, o

TEN criou o “Instituto Nacional do Negro – INN”, na direção de Guerreiro Ramos, onde eram realizados cursos nas áreas de educação e qualificação profissional, seminários de Grupoterapia, utilizando o Psicodrama e Sociodrama. O objetivo dos seminários era potencializar os artistas negros, promover um espaço terapêutico, onde os participantes pudessem discutir sobre as questões da realidade social que eram abordadas nas dramatizações. (MAIO, 2015)

A Grupoterapia foi uma técnica social do TEN, similar a técnica do Psicodrama e do Sociodrama. Segundo Ramos (1949), a Grupoterapia é uma técnica que, através do teatro, disponibiliza um espaço onde o negro possa ter a oportunidade de encarar seus medos e ressentimentos, retirando de sua subjetividade os estereótipos racistas e as visões autodepreciativas que são construídas pelo racismo. A técnica trata-se de um deslocamento das situações de discriminação racial vivenciadas pelo sujeito para o palco, ou seja, os conflitos e as situações de discriminação são dramatizados no palco.

A atriz Ruth de Souza fez parte do TEN e dos seminários de Grupoterapia. Ela foi a primeira atriz negra a encenar no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, conquistando visibilidade na dramaturgia brasileira. Em um encontro de Grupoterapia, Ruth de Souza compartilha com o grupo suas experiências da infância e de quando saiu de uma cidade do interior de Minas Gerais para morar no Rio de Janeiro. A história da atriz foi utilizada como objeto de dramatização no Instituto Nacional do Negro, conforme Ruth relata:

Minha mãe era do interior. Ela era a Dona Alaíde, dona de um pedaço de terra, uma senhora respeitada (...). E quando nós viemos para o Rio, ela tornou-se lavadeira. Nós éramos a filha da lavadeira, Alaíde a lavadeira, eu me lembro disso. (...) Depois eu comecei a chorar [durante a experiência grupoterápica, sob a orientação de Guerreiro Ramos] porque foi quando eu descobri que eu era pobre. Quando eu cheguei no Rio de Janeiro, tornei-me negra, eu não sabia que eu era negra. Sabe, quando criança não presta atenção? E eu lembro disso, que a descoberta de ser negra foi aqui no Rio de Janeiro, a descoberta das diferenças de classes, que eu não entendia. Fui crescendo e não entendendo muito bem porque é que (...) você me trata diferente se eu sou gente igual a você? (MAIO, 2015)

A dramatização sobre o episódio de discriminação, a "filha da lavadeira", permitiu que a atriz pudesse ter uma nova percepção sobre os acontecimentos de discriminação que estavam associados ao fato de ser negra e pobre, permitindo uma concepção sobre as relações sociais que marcam a população negra. Além de produzir uma ação psicológica libertadora, um resgate da autoestima, da criatividade e da espontaneidade. (RAMOS, 1949)

Em fevereiro de 1950, Guerreiro Ramos lançou um artigo no "Jornal do Quilombo" falando sobre a teoria e prática do Psicodrama no TEN. O sociólogo define o drama como algo que "diz respeito, em sua acepção comum, às peças elaboradas para serem representadas num palco", onde a vida social do sujeito é uma representação e o drama "é consubstancial e coextensivo à sociedade". Para ele, o Psicodrama é um método de investigação das relações humanas que atua no processo terapêutico e psicológico. As sessões de Psicodrama são realizadas com o sujeito ou com o grupo que possui um objeto para ser investigado, com a colaboração dos egos-auxiliares. Portanto, o palco é uma representação da sociedade onde os conflitos psicológicos são materializados e através das dramatizações, o sujeito pode ser treinado para desenvolver um novo papel com uma nova conduta, conduzindo a potencialização adquirida no palco para a vida real. (RAMOS, 1950)

Nos Seminários de Grupoterapia, realizados no Instituto Nacional do Negro, Guerreiro Ramos realizou algumas demonstrações públicas de Psicodrama. Em uma delas, um jovem interpreta seu pai insultando sua mãe, em outra, o mesmo jovem representa o pai afirmando que a vizinhança suspeita que ele tenha sido o responsável por um furto, ao negar, o pai avança para espancá-lo. Isso explica o relato do jovem sobre a aversão ao pai. (RAMOS, 1949)

Segundo Guerreiro Ramos (1950):

O psicodrama não é uma obra pré-realizada, destinada a ser executada no palco segundo determinações preestabelecidas. O psicodrama é improvisado e não submete os que o executam senão à sua espontaneidade, permitindo surpreender as emoções em seu estado nascente. (RAMOS, 1950).

Além dos trabalhos com o psicodrama no TEN, Guerreiro Ramos trabalhou com o Sociodrama. Em uma demonstração no Seminário de Grupoterapia, ele e uma ex-aluna, filha de alemães encenam uma visita de um professor negro na casa da jovem. Assim que o professor se despede e vai embora, a atenção no palco é voltada para o que acontecia na casa de Jane, ela era reprovada pelos pais por causa da visita do "homem de cor". Comprovando que a causa dos conflitos e das reprovações estavam relacionadas aos estereótipos e aos preconceitos que os pais tinham. (RAMOS, 1950)

De acordo com Guerreiro Ramos (1950), "o Sociodrama é precisamente um método de eliminação de preconceitos ou de estereotípias que objetiva libertar a consciência do indivíduo da pressão social." No processo de minimizar os vários tipos de violência que a população negra sofre, o Sociodrama pode e deve ser um método de intervenção utilizado para promover a diminuição do preconceito racial. Portanto, o Sociodrama tem a capacidade de ensinar o sujeito na inversão de papéis a olhar o outro na sua totalidade e potencialidade, como sujeitos únicos e sem distorções.

Para trabalhar os problemas e conflitos dos grupos étnicos, J. L. Moreno criou, em 1974, o método denominado Etnodrama que "é uma síntese do psicodrama com as pesquisas de problemas étnicos, de conflitos de grupos étnicos." O Etnodrama tem o objetivo de conduzir o sujeito ou o grupo a uma percepção de si mesmo contribuindo na construção da autoimagem. No ato etnodramático, são utilizados os métodos e as técnicas do psicodrama. (RIBEIRO, VALE, 2012)

Em 1945, Moreno dirigiu um trabalho de psicodrama público em uma universidade dos Estados Unidos, denominado "O Problema Negro-Branco: Um Protocolo Psicodramático". No trabalho, Moreno destaca o preconceito racial e a situação do negro nos Estados Unidos, chegando a conclusão da necessidade das pessoas se familiarizarem com o "verdadeiro papel vital de uma família negra, não intelectualmente, não só como vizinhos, mas também num sentido psicodramático, vivendo-o e elaborando-o conjuntamente neste palco." (MORENO, 1975)

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho visa investigar os efeitos possíveis produzidos por uma vivência psicodramática na reconstrução da identidade étnico-racial, no processo de autoconhecimento, aceitação e valorização da negritude. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas não-estruturadas com estudantes negros do curso de Psicologia de uma universidade particular do estado do Rio de Janeiro, que cursaram a disciplina Teoria do Psicodrama. Utilizamos como critérios de exclusão da pesquisa alunos menores de 18 anos e que estejam cursando a disciplina Teoria do Psicodrama neste semestre letivo, 2020.1.

Este projeto possui como benefício oferecer oportunidade para o aprofundamento de questões raciais que possam contribuir para mudanças sociais e apresenta como risco a possibilidade do entrevistado se sentir angustiado pela revisita a experiência psicodramática. Caso isso ocorra o pesquisador terá o SPA/USU como referência para o encaminhamento, em casos que necessitem de maior suporte.

Os entrevistados foram buscados de forma aleatória, através da divulgação da pesquisa e convite num grupo de estudos formado por estudantes negros de Psicologia da universidade.

As entrevistas tiveram uma pergunta disparadora – **Como a experiência com o Psicodrama te ajudou a se enxergar como negro?** -, a partir da qual os estudantes puderam expressar como foram as vivências com o Psicodrama.

Os dados obtidos nas entrevistas passaram por uma análise temática, buscando pesquisar quais foram os efeitos que o Psicodrama provocou nos corpos negros dos estudantes durante as práticas psicodramáticas.

A partir da transcrição e leitura das entrevistas, o material foi separado por temas relativos ao método e efeitos identificados nas vivências psicodramáticas. Esses dados foram organizados em uma tabela, na qual a coluna representava os dois tópicos de análise apresentados anteriormente e as linhas dos diferentes entrevistados. Num segundo momento, buscou-se identificar as unidades de análise (UA) e organizá-las em eixos temáticos.

O trabalho seguiu as diretrizes para a pesquisa com seres humanos propostas na Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo submetido pelo Comitê de Ética em Pesquisa do ICESP/Brasília. Em função da

p.127



pandemia do COVID-19, ocorrida nesse ano, e as consequentes medidas de isolamento social, as entrevistas foram realizadas on-line, através da ferramenta Skype, de modo a garantir a confidencialidade dos dados e a autonomia dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração o escopo e possibilidade de tempo para desenvolver o trabalho de conclusão de curso e o momento atual de pandemia no país, assim como garantir certa representatividade da amostra, optamos pela realização de 5 entrevistas com homens e mulheres negros, na faixa etária entre 20 e 35 anos, estudantes do curso de graduação em Psicologia de uma universidade particular do estado do Rio de Janeiro, entre o 6º e 9º períodos, e que já cursaram a disciplina Teoria do Psicodrama.

Os dados coletados nas entrevistas reafirmaram a hipótese do trabalho de que o Psicodrama oferece uma oportunidade de empoderamento, apropriação dos espaços e aceitação da identidade étnico-racial. Assim como no Teatro Experimental do Negro – TEN, onde o objetivo era exatamente a valorização do negro como protagonista no palco da sociedade. (NASCIMENTO, 2004)

Os dados das entrevistas também mostraram que o Psicodrama provocou efeitos similares nos entrevistados, oferecendo ao sujeito preto um lugar de fala e de potencialização da negritude, como podemos ver nas seguintes falas: "O Psicodrama é um instrumento para que a gente se reconheça e se empodere" (Entrevistado 3). "As vivências psicodramáticas me ajudaram a me enxergar como mulher preta e como me posicionar contra o racismo" (Entrevistado 5).

Os entrevistados trouxeram destaques sobre as vivências psicodramáticas. Um entrevistado destacou o aquecimento como uma etapa importante do Psicodrama e que vai além de um simples movimento corporal. Para ele, o aquecimento viabiliza uma conexão do seu corpo com a sua essência negra, pois proporciona a libertação com consciência das visões estereotipadas que o racismo produz, fortalecendo a autonomia do sujeito e ampliando as formas de reexistência do corpo preto: "O aquecimento é mais do

que só corpo... O momento do aquecimento foi uma conexão do corpo em diáspora" (Entrevistado 1).

Em outra entrevista, houve o relato de uma vivência através da inversão de papéis do oprimido x opressor na qual os participantes vivenciaram uma cena onde um policial aborda traficantes em uma boca de fumo:

Me senti mal no papel do policial, me senti autorizado pelo estado a matar", "Entendi que aquele corpo também sofre, mas também oprime", "Agora entendo o que há por trás do menino que está vendendo aquilo (Entrevistado 1).

A inversão de papéis é uma técnica do Psicodrama que permite o sujeito se colocar no lugar do outro, quando o opressor se coloca no lugar do oprimido, surgem sensações e sentimentos que o fazem compreender a percepção que o outro tem sobre ele e como sua atitude impacta na vida daquele que oprime. Da mesma forma, quando o oprimido é colocado no lugar do opressor, é finalmente colocado num lugar de fala, onde pode expressar todos os sentimentos reprimidos, por isso a importância da técnica para trabalhar questões raciais. (MONTEIRO, 1998)

Também podemos destacar falas que apontam para a questão do silenciamento que o racismo provoca nos corpos pretos e como foram os efeitos produzidos pela ação dramática:

"Eu não era tímida, eu não sou tímida. Eu sou uma mulher muito expressiva. Eu estava em uma condição de silenciamento. Eu estava com a sensação de não lugar dentro da universidade. Agora consigo me enxergar. Tenho que colocar quem eu sou". (Entrevistado 2)

Foi possível ver como o racismo age silenciosamente, obrigando o sujeito preto a negar sua negritude, seja no alisamento de cabelos, no uso de roupas discretas ou maquiagens para afinar seu nariz largo, o corpo negro sempre é silenciado. Para Souza (1983), o negro deve exercer uma afirmação da sua própria identidade étnico-racial e para valorizá-la deve se diferenciar dos padrões da imagem do branco.

Diante disso, um entrevistado destacou em sua vivência com o Psicodrama essa aceitação da identidade étnico-racial:

Após as vivências psicodramáticas, tive consciência da minha negritude e percebi que não precisava me encaixar em padrões, por isso deixei de alisar o cabelo..." (Entrevistado 4).

Um dos entrevistados mencionou o "Psicodrama como uma arma de combate ao racismo" (Entrevistado 1), reafirmando o pensamento de Alberto Guerreiro Ramos quando se referiu ao Sociodrama como um método de eliminação de preconceitos e estereótipos. Assim como o Psicodrama, o Sociodrama também é um método de ação que busca compreender as relações dos seres humanos sob a ótica de Jacob Levy Moreno, é um método que vai trabalhar com o ser em relação. No Sociodrama, as relações estão fundamentadas nos papéis sociais, ou seja, é um método relacional e sendo relacional todos os seres estão incluídos. Portanto, o racismo sendo parte estrutural da sociedade e como parte das relações será trabalhado de forma processual no Sociodrama. (RAMOS, 1950)

Esses foram os relatos dramatizados no palco psicodramático, trabalhados também por Guerreiro Ramos no TEN com a técnica denominada Grupoterapia que, de acordo com ele, era uma técnica que buscava deslocar as situações de discriminação racial para o palco, oferecendo ao sujeito um espaço para expurgar os estereótipos racistas que são internalizados em sua subjetividade. (RAMOS, 1949)

De acordo com as entrevistas, podemos dizer que o Psicodrama configura-se como um mecanismo de autoconhecimento e empoderamento para o povo preto. É um resgate da expressividade que é silenciada pelo racismo:

"Eu sou uma mulher preta e vocês vão ter que me respeitar". (Entrevistado 2)

Para Guerreiro Ramos, a dramatização é como uma ação libertadora, tornando possível um resgate da autoestima, da criatividade e da espontaneidade. (RAMOS, 1950)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas e das entrevistas realizadas, podemos concluir que de fato o Psicodrama pode ser utilizado como instrumento de combate ao

racismo, pois permite ao povo negro um espaço de autoconhecimento, empoderamento, valorização e aceitação da sua identidade étnico-racial.

Com base nos dados coletados, podemos afirmar que a prática psicodramática é um instrumento de potencialização para o povo negro, pois traz a libertação de estereótipos, facilitando ao sujeito um contato consigo e o resgate da sua negritude, proporcionando um resgate da autoestima, tornando a população negra protagonista da sua própria história e a colocando como pertencente dos espaços antes dominados apenas por pessoas brancas.

Sendo o palco psicodramático um espaço onde as situações de preconceitos raciais são representadas, possibilita a diminuição do preconceito racial, pois mostra ao grupo (sociedade) como o negro é alvo de preconceito, suas dores e potências.

Assim, podemos afirmar que as práticas psicodramáticas podem ser utilizadas para promover a reexistência do povo negro, pois potencializa e instrumentaliza o sujeito para enfrentar seus medos e ressentimentos, sendo uma forma de resistência e posição contra o preconceito racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, J.B.S.; ARAÚJO L.M.; ARAÚJO, L.M.; FIDELIS, A.; MORAES-FILHO, I.M. e QUEIROZ, H.A. **O reconhecimento da identidade racial na educação infantil**. Rev. Cient. Sena Aires. 2018.

BARBOSA, Wesley. **Da Africa ao Brasil**. Brasil: Clube de Autores, 2017.

BATTISTI, C.A.; CUNHA, J.; DIAS, J.; SALLES, R.O.; SAKAMOTO, B. e PRÉCOMA, H. **Estética e Educação: desconstrução dos padrões estéticos no ambiente escolar**. 1ª ed. e-book. Toledo, PR: Vivens, 2018.

BENTO, A; CRUZ, A. e GODINHO, T. **Racismo, o que eu tenho a ver com isso?** Disponível em:

<<https://www.saobernardo.sp.gov.br/documents/10181/20774/Racismo-+o+que+eu+tenho+a+ver+com+isso+-+TAA.pdf/5b70b8a4-1cef-4b1b-8933-12159186878a>>. Acesso em: 14 abr.2020.

CESARINO, A. C. M; MALAQUIAS, M. C e NONOYA, D.S. **Psicodrama e Relações Raciais**. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 24, n. 2, 91-100, 2016.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Michaelis, 2020. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/identidade/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/amp/?gclid=Cj0KCQjwsYb0BRCOARIsAHbLPhEdvX7ck-PhTcriiMj9UHAbO-ibmmzD85Jm-5ZDX3bzdAuBEfzKzlcaAk18EALw_wcB>. Acesso em: 29 mar. 2020.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.

G1, Portal. **Relatório da ONU diz que Brasil tem racismo institucional,** 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/09/relatorio-apresentado-na-onu-diz-que-brasil-tem-racismo-institucional.html>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GNT, Canal. **Você sabe o que é Racismo? | Quebrando O Tabu.** (4m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dU-hqu7aqj4>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MAIO, Marcos Chor. **Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos.** Rio de Janeiro: Cad. EBAPE.BR, v. 13, Edição Especial, Artigo 5, 2015.

MALAQUIAS, M. C. **Psicodrama e Relações Étnico- Raciais: Diálogos e Reflexões.** São Paulo: Ágora, 2020.

MONTEIRO, R.F. **Técnicas Fundamentais do Psicodrama,** 2ª edição. Ágora. São Paulo, 1998.

MORENO, Adrielle. **Documentário Sobre Estética e Cabelos Afros: Espelho, Espelho Meu!** 2011. (16m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MORENO, J.L. **Psicodrama,** 1ª edição. Cultrix. São Paulo, 1975.

NASCIMENTO, E. L. **Teatro Experimental do Negro.** Scielo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019>. Acesso em: 06 nov. 2019.

NETO, A.N. **Psicodramatizar.** 2ª edição. Ágora. São Paulo, 1980.

- NYAMIEN, Francy Rodrigues da Guia. **Ser negro nas vozes da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira), UFC, Fortaleza, 1999.
- NOGUEIRA, G.J. e SILVA, J.S. **Valorização da identidade Afro-Brasileira: A experiência PIBID em escola da rede estadual de Salvador**. 2015. 12 folhas. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Bahia, 2015.
- RAMOS, Guerreiro. **"Uma experiência de grupoterapia"**. Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, n. 4, p.7, jul. 1949.
- RAMOS, Guerreiro. **"Teoria e prática do psicodrama"**. Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, n. 6, fev. 1950, p. 6-7.
- RAMOS, Guerreiro. **"Teoria e prática do sociodrama"**. Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, n. 7/8, p. 9, mar./abr. 1950.
- RIBEIRO, L.P e VALE, Z.M.C. **Um olhar sociopsicodramático sobre as concepções de beleza em famílias negras**. Revista Brasileira de Psicodrama, 2012.
- RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOEIRO, A. C.; **Psicodrama e Psicoterapia**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Ágora, 1995.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Coleções Tendências; vol. 4. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1983.
- YOZO, R.Y.K. **100 Jogos para Grupos - Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**, 19ª edição. Ágora. São Paulo, 1996.